

Resenha  
**Psicanálise: Arreligião**

Adriana Italo<sup>1</sup>

MAGNO, MD. *Psicanálise: Arreligião*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2005. 248 p.

Enquanto o mundo ainda ferve com a recém entronização de Sua Santidade o Papa Bento XVI, o psicanalista MD Magno, criador da Nova Psicanálise nos anos 1980, publica seu novo livro com o sugestivo título *Psicanálise: Arreligião*. É um texto composto de catorze seções transcritas a partir daquilo que o autor denomina *falatório*, uma forma de exposição que se diferencia do estilo tradicional de um *seminário* e o possibilita abordar com erudição nada afetada várias questões importantes não só da psicanálise como também da contemporaneidade em geral. Portanto, sem se deixar prender a um único tema central, mas com digressões precisas, MD Magno trata de política, religião e poder buscando aprontar caminhos possíveis para uma prática política / ética mais condizente com a postura mental exigida pela psicanálise atual.

Para o autor, as possibilidades de uma *clínica da razão prática* e uma *prática da razão clínica* de índole psicanalítica devem partir de definições claras, simples e precisas de *poder* como dominação de uma formação (isto é, um saber, uma ideologia, uma instituição, uma pessoa, etc.) sobre outra; de *política* como competição pelo poder; e de *religião* como qualquer formação que pretenda explicar, articular e mesmo governar o mundo tendo como referência uma formação fundamental. Assim, *Psicanálise: Arreligião*, título que pode parecer uma *contradictio in terminis*, evoca um tema fundamental que permaneceu como uma espécie de corrente subterrânea, analisado apenas de forma superficial na história da produção teórica psicanalítica. A palavra, tal como grafada – *Arreligião* –, já nos serve de esclarecimento indicando simultaneamente *A religião* propriamente dita, com artigo definido, abstrata, única e sem predicação, e *Arreligião* com prefixo de negação, explicitando um movimento de desconfiguração doutrinária.

Justifica-se o duplo sentido embutido no título uma vez que, para MD Magno, todos os saberes e práticas têm base teológica e vocação religiosa. Decorre daí que supõem um lugar de referência suprema e que isto precisa ser reconhecido para que este lugar possa ser sustentado vazio. Caso contrário, estaremos fadados a continuar em eternas guerras “religiosas”. Eis portanto o que a psicanálise traz de novidade: exercitar a suspensão

<sup>1</sup> Psicanalista (NovaMente/RJ). Doutora em Filosofia e Professora de Arte e Filosofia (PUC/RJ).

de todo e qualquer conteúdo, uma vez que nenhuma narrativa, seja da ordem do *mito* ou do *logos*, é em si legítima para ocupar o ponto privilegiado de baliza da vocação religiosa tal qual é definida no livro.

O ponto, que muitos chamam de ‘Deus’, talvez pareça hoje, para alguns, uma hipótese demasiado extrema, no entanto, é algo de que não podemos nos furtar. A *hipótese Deus* não é uma opção e se encadeia a outra afirmação do autor, de que a fé é anterior e hierarquicamente superior a qualquer mitologia ou razão, uma vez que faz parte da estrutura da mente. Neste sentido, a mente ou o Inconsciente, considerada segundo sua base pulsional, se apresenta como pura fé, pura afirmação. É uma tensão que, se reconhecida enquanto voltada para o impossível, é capaz de neutralizar e recriar as configurações sintomáticas do mundo e do indivíduo.

Um ponto importante aí é a distinção, tão confusa hoje, entre fé e crença, que pode nos liberar, ainda que provisoriamente, da aderência que confere valor de verdade absoluta a idéias, saberes, instituições, pessoas, etc. Isto é, nos libera da tirania da crença. Colocando nossas crenças sob suspeição e em suspensão é possível, como diz Caetano Veloso, apenas “manter teso o arco da promessa”.

Ao considerar a vocação religiosa de todos os saberes como “a grande denegação do campo da psicanálise”, MD Magno indica o *Esclarecimento* como o caminho de qualquer psicanálise que busque eficácia e poder de performance neste século que já começa dilacerado por lutas religiosas. Uma psicanálise que possa, como sonhou Freud, de fato intervir além das quatro paredes de um consultório, como *clínica geral* no mundo. Isto, é claro e antes de mais nada, sem excluir os próprios analistas e suas “igrejinhas”. Uma psicanálise capaz de apontar caminhos possíveis para a instalação de uma nova ordem global.

À tese de que o Inconsciente é religioso acrescenta-se portanto o trabalho de desmontagem ou desconfiguração de qualquer “liturgia religiosa”, individual ou coletiva, como eixo fundamental da postura analítica. A psicanálise exige, pois, que na tensão de sua vocação religiosa seja também reconhecida a tendência, inerente a seu próprio movimento, à desfiguração, isto é, seu *Cinismo*. Qual Diógenes – o filósofo mendigo e descarado que desbanca todas as instituições gregas, incluindo o Grande Alexandre – é preciso, a cada vez, desmontar os aparelhos de dominação do já estabelecido, seja em que campo for. A psicanálise como *Arreligião* designa, portanto, a função analista como uma postura de desvelamento aqui exemplificada por meio de várias figuras além da de Diógenes: a de um Mestre Zen, de Sócrates, de Mestre Eckhart e de Cézanne.

Por fim, o autor reitera a proposta original da psicanálise: reconhecer que o *mal-estar na civilização* é inarredável para que seja possível atenuá-lo, sem narcóticos ou

promessas de felicidade eterna, aqui ou em outro mundo. Trata-se, portanto, de um livro que provoca o pensamento com idéias fortes e consistentes. Uma intervenção instigante em meio ao marasmo da produção intelectual psicanalítica e que certamente interessará a todos preocupados com os rumos do pensamento contemporâneo.